

“Ainda o apanhamos!”

Daniel Rodrigues*

UCA/CELIS

Resumo: Propomos repensar a ideia de “salvação do mundo” não como redenção messiânica ou transcendente, mas como um gesto de inscrição no tempo vivido. Partindo da sensação de perda que caracteriza o presente e do final do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós, mostramos como a ironia entre a corrida final dos dois personagens e a ruína que os rodeia revela uma forma de relação com o mundo marcada pela ausência de transformação, próxima da noção de “não-inscrição” (José Gil). Este conceito permite pensar a dificuldade de agir e de converter a experiência em ação. Contra essa paralisia, a poesia surge como um espaço privilegiado de resistência, de relação e de habitação do tempo, ao inscrever gestos mínimos, vínculos e palavras que preservam o humano no interior do cotidiano.

Palavras-chave: habitar o mundo, ironia queirosiana, poesia contemporânea, não-inscrição, resistência

Abstract: We propose to rethink the idea of the “salvation of the world” not as a messianic or transcendent redemption, but as a gesture of inscription in lived time. Starting from the sense of loss that characterizes the present and from the ending of *Os Maias* by Eça de Queirós we show how the irony between the protagonists’ final run and the surrounding ruins reveals a way of relating to the world marked by the absence of transformation, close to José Gil’s notion of “non-inscription.” This concept helps to think through the difficulty of acting and of converting experience into action. Against this paralysis, poetry emerges as a privileged space of resistance, relation, and inhabitation of time, by inscribing minimal gestures, bonds, and words that preserve the human within everyday life.

Keywords: inhabiting the world, Queirosian irony, contemporary poetry, non-inscription, resistance

Futuro

[...]

Dureza de antecipações
com que o canto mais motivado
pela sombra declinará o meu medo
desse futuro
onde caminharei só.
(Quintais 2016: 161)

Somos todos convidados a salvar o mundo, habitando-o. E ao mesmo tempo, vivemos, a cada instante, a sua perda. A luta que travamos, todos nós, coletivamente, individualmente, conscientes ou inconscientes, mais ou menos desesperados, têm-nos exigido uma energia cada vez mais intensa, pois se muitas das lutas da segunda metade do século passado trouxeram a esperança de um mundo renovado, as lutas perdidas trouxeram também consequências que nos fazem esquecer as vitórias: o retrocesso dos direitos trabalhistas, direitos civis ameaçados ou desmantelados, guerras, fome e genocídios alimentam incessantemente as imagens de hoje. E o eclipse da esperança traz-nos medo, como lemos na epígrafe deste texto, o curto poema de Luís Quintais, sombras que outros artistas e pensadores já enumeraram.¹

A hipótese que proponho é que a ‘salvação’ não é um além, mas um gesto de inscrição no tempo – na escala concreta do cotidiano.

Começo assim este exercício de observação de estratégias de enfrentar estes medos pelo fim do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós. De volta à mansão do Ramalhete após dez anos de desterro que se seguiu aos dramas que marcaram a vida do personagem e da sua família, Carlos da Maia deambula pelos cômodos que se assemelham a “um claustro abandonado” (Queirós 2014: 716), onde “uma friagem regelava” (*ibidem*) e onde se sentia “um cheiro de múmia a terebintina e cânfora” (*ibidem*). Enfim, a descrição é de um campo de ruínas, de um mundo que se foi. Ega, o amigo que o acompanha, ecoa a descrição do narrador e comenta: “- Vamos embora - [...] - Isto está lúgubre!...” (*idem*: 717). E o narrador prossegue: “Mas Carlos, pálido e calado, abriu adiante a porta do bilhar” (*ibidem*). Sublinho eu, o adjetivo “calado” ao qual voltarei mais tarde.

Ega, ao tentar escapar ao pranto e ao luto que a palavra ‘lúgubre’ sugerem, impõe a Carlos o silêncio constrangedor que o força a ponderar a sua vida, a medir o tempo, as transformações que estes dez anos trouxeram.

Um pouco mais tarde, comentando a carta que recebera de Maria Eduarda, Carlos admite o final de um mundo ao expor como se sente naquele momento: “Um

efeito de conclusão, de absoluto remate.” (*idem*: 721). E este efeito de conclusão é acompanhado de uma confissão de derrota do seu comparsa - “Falhámos a vida, menino!” (*idem*: 722), comenta Ega.

Como toda confissão, o que aqui entra em jogo é a transformação que a expiação da falha, seja ela uma ação, psíquica ou simples intenção, supõe. O próprio modelo da confissão, como a de Santo Agostinho, oscila entre a estrutura da biografia, onde se julga o que se foi, e do autorretrato, onde se enuncia o que se é no agora.² Assim, a falha serve de ponto de partida para que o personagem esboce os traços de uma nova postura ética, de uma nova ordem moral: “nada desejar e nada rezear... Não se abandonar a uma esperança - nem a um desapontamento. Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquilidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves” (*idem*: 724). E, segundo esta nova ordem, não vale a pena “apressar o passo” para se ganhar uma “fortuna como a dos Rothschilds ou a coroa imperial de Carlos V” (*ibidem*).

Conhecemos, entretanto, a derradeira cena do romance onde, por conta de um atraso corriqueiro e prosaico para um encontro marcado com os amigos no Bragança, os dois personagens correm atrás do americano: “Então, para apanhar o americano, os dois amigos romperam a correr desesperadamente pela Rampa dos Santos e pelo Aterro, sob a primeira claridade do luar que subia” (*idem*: 725).

O irônico final queirosiano revela um primeiro aspecto que, acredito, insere-se na própria prosa, isto é, na revelação do cotidiano - um “americano” que passa - que salienta e sublinha a experiência imanente da vida. Explico talvez um pouco melhor: na obra, fatores heterogêneos tecem a cena final.

O primeiro é a descrição do cotidiano da cidade no interior do qual se desenrola a diegese: “Espera! - exclamou Ega. - Lá vem um americano, ainda o apanhamos” (*ibidem*). No romance, o cotidiano opera então como um *deus ex machina*, e oferece ao par de amigos a solução para o atraso.

O segundo fator é a forma que esta maquinaria ficcional adquire, isto é, o “americano”. Só para lembrar, os “carros americanos” foram instalados em 1873 e a linha Santos-Alcântara, que é a linha indicada no romance, faz parte da primeira expansão da linha experimental inicial. A maquinaria ficcional é, assim, sobredeterminada por um valor simbólico da modernidade, concebida como horizonte a ser continuamente perseguido.

O terceiro elemento reside no jogo irônico entre a placidez da nova moral - que deveria constituir aquilo que se salva do mundo em ruínas - e o “romperam a correr desesperadamente”. Não só a ação contradiz frontalmente a lição moral acabada de ser enunciada como, além disso, o desespero, paixão igualmente recusada por essa nova ordem existencial, surge como o único resquício afetivo deixado pela visita às ruínas do Ramalhete: uma indicação discreta e deslocada de uma subjetividade que já não sonha senão com um prato de “paio com ervilhas” (*ibidem*).

É a partir desta ironia que proponho ler esta sobredeterminação simbólica da corrida desenfreada e da incapacidade em se fixar posturas morais.

Em Portugal, a cena narrada por Eça ganha um nome próprio: a “não-inscrição” definida por José Gil. A não-inscrição, lembro, é fruto do próprio sistema capitalista e, para o filósofo, foi acentuada pelo regime salazarista quando este reduziu os seus cidadãos a “adultos infantilizados”. De fato, José Gil afirma: “A não-inscrição não data de agora, é um velho hábito que vem sobretudo da recusa imposta ao indivíduo de se inscrever. Porque inscrever implica ação, afirmação, decisão com as quais o indivíduo conquista autonomia e sentido para a sua existência” (2004: 17).

Esta característica do Portugal contemporâneo evocada por José Gil não é estranha a um traço mais geral da nossa civilização ocidental, que Georges Didi-Huberman sugere se tratar de afasia. Segundo o crítico, a não-ação é também o resultado do nosso medo face aos monstros do nosso mundo, que nos impõem uma “visão apocalíptica” como a única maneira de se apreender o tempo atual, e acrescenta:

tout cela semble n'ouvrir qu'une seule perspective: celle d'une vision apocalyptique appelée à s'imposer dans les esprits comme la façon la plus exacte, désormais, d'envisager notre propre destin collectif. Mais est-ce bien comme cela qu'il faut voir le temps tel qu'il travaille dans notre histoire présente et, surtout, à venir ? Ne faudrait-il pas briser ce cercle de soumission aux stratégies économiques et idéologiques présentées comme inéluctables, souvent incompréhensibles, et qui chaque jour nous pourrissent la vie ? Ne faut-il pas commencer par voir à contretemps pour imaginer un nouvel espace d'émancipation ? (2025: 10)

Ao prosseguir na sua demonstração, ele sugere que este nosso tempo nos causa afasia e que, neste silêncio incômodo e inquietante que se instala em uma discussão quando não temos mais o que dizer, e que a língua francesa designa pela expressão “*un ange passe*”, existe um intervalo em que podemos vislumbrar outras estratégias, estratégias de emancipação. Georges Didi-Huberman imagina, com efeito, que este *passar de anjos* traz, no seu bater de asas, novamente o ar e transforma a discussão. Ora, como sublinhei no início deste texto, Carlos se cala face ao fim do seu mundo antes de enunciar uma outra proposta de vida. O americano também ele passa como um anjo, depois do “Espera!” lançado pelo Ega, e restitui o movimento. Ironicamente, o movimento acaba por levar aos velhos hábitos, à não-inscrição da experiência de sofrimento e luto que passara, como se Carlos estivesse condenado, por uma predeterminação, a viver no seu mundo de ruínas, sem agir e sem o transformar. E o crítico então sugere uma questão que talvez seja a mesma que guia este texto: “allons-nous revenir à nos habitudes de langage, à nos conformismes d'actions et de pensées ?” (*idem*: 11).

Não haveria nesta pergunta o desejo de fim de um mundo para que possamos recomeçar outro, livre das profundas angústias que nos caracterizam, fruto deste cerco ideológico e econômico do qual somos vítimas? De fato, no segundo volume do díptico *Ce qui nous soulève*, e que tem por título *Imaginer Recommencer* (2021), o crítico francês não cessa de nos confrontar com imagens de temporalidade dos momentos transitórios que, para além da aceleração e desumanização característica de certa modernidade, sugeriram outros mundos, onde estratégias de emancipação são formas de resistência à sujeição, à apatia e à afasia que nos impulsionam para o fim daquilo que, ainda, acreditamos ser a humanidade.

Sugiro então, aqui, que salvemos a inscrição no tempo, como método de resistência e nada me parece melhor do que a literatura para que a espessura do tempo possa ser habitada.

Sugiro recomeçar por um poema em prosa de Gastão Cruz, intitulado “Estar na vida”:

Não sabemos bem a partir de que momento começamos a ter, não tanto a percepção da morte mas a noção de uma mudança na natureza da nossa existência, a perda da ilusão da energia que tinha sido a nossa, igual à do adolescente que entra na carruagem do metro e, cumprimentando outro com uma forte palmada da sua mão na dele, ignora a morte, mas ignora talvez também a vida, não sabe que está na vida. (2017: 15)

Permitam-me a ousadia da aproximação do poema do Gastão Cruz com o final de *Os Maias*. Se em Eça vemos a corrida falhada, em Gastão Cruz notamos a inscrição mínima: um gesto, uma palmada. No romance queirosiano, já vimos, o americano retira Carlos das ruínas do Ramalhete, mas impede a conquista da sua autonomia, posto que ele se reduz, novamente, ao dandy que flutua pela existência, mais preocupado com o jantar com os amigos do que com a sua decisão moral. Em Gastão Cruz, o sujeito lírico se inscreve na distância temporal entre o indivíduo de idade avançada e o adolescente. Para o primeiro, o tempo é já uma experiência e se pode condensar na tensão entre a “noção da mudança na natureza da nossa existência” e a “percepção da morte”; para o segundo, o tempo é ignorância mas também pura energia, ou seja, capacidade de agir sobre o mundo, de transformá-lo e de por ele ser transformado. Pura possibilidade de relação: o movimento da palmada que liga o que existe ao que ainda pode existir.

Penso que esse encontro nos permite imaginar aquilo que Édouard Glissant designa por “pensamento da relação”, e que contém uma dose de imprevisibilidade. Cito Glissant: “échapper à ces bouleversements que les imprévus du monde lèvent en nous, et par ailleurs se faire de plus en plus ingénieux à aménager dans les irruptions de ce réel une continue possibilité de l’action humaine” (2009: 68).

Habitar então a espessura do tempo se aproxima da possibilidade de ação sobre o real, ou seja, habitar poeticamente o mundo, no sentido de ofício, de *poïesis*, de construção do mundo. Jean-Claude Pinson sugere que a poesia nos retira do “cycle répétitif des processus vitaux, *pour* inscrire notre habitation dans un monde commun plus durable que la simple vie” (1995: 17). Em outras palavras, o “estar na vida” ultrapassa a morte em si, transforma a experiência individual em fonte de reformulação do cotidiano.

E, como veremos nos três exemplos que seguem, oriundos de estilos e posturas muito diversas uma das outras, esta habitação, este habitar o tempo é também, ou é intrinsecamente, a capacidade a resistir ao fluxo que nos leva à não-inscrição. Vejamos o primeiro fragmento de “Arbustos”, de Manuel Gusmão:

um risco na página
um gesto furtivo
um movimento
de queda
na sombra
da sombra
de um corpo, uma boca
: alguém chama - palavras contra
o sentido, contra a direção
do vento
(2013: 13)

O tempo aqui é agora mínimo, o de um gesto furtivo que desenha, ou escreve, captando a queda da sombra no papel, como a skiagraphia evocada por Jacques Derrida no seu *Mémoire d'aveugle* (1990), e que se transforma em som, em uma boca que, ao se abrir, enuncia a resistência, o movimento contrário tanto à direção do vento que nos impulsiona em direção ao progresso, como no “Anjo da História” de Walter Benjamin. Através do uso do *enjambement*, o poeta também deixa a dúvida se não seria o próprio sentido poético - ou a resistência que a poesia impõe ao surgimento do sentido das palavras - que se ergue contra essa direção. Os *enjambements*, de uma rara beleza, permitam-me o julgamento estético, deixam os dois pontos iniciarem o oitavo verso, abrindo a boca do corpo e pondo em destaque a força do contrariar, antes de inseri-lo no mundo, isto é, na imagem do movimento de um arbusto contra o vento.³

Ricardo Marques, em uma poética positiva, sugere que a poesia é também lugar de encontro, de diálogo e, assim, inscreve-se na eternidade humana. Cito o poema “A poesia salva”:

A poesia salva

A poesia nunca acabará.
Mesmo distantes, os poetas
cultivam palavras que escapam
a geografias e aos instantes
que as fazem escrever
o poeta escreve a palavra
de todos os tempos
é que os poetas sabem que
o amor e a amizade são sentimentos
mais do que palavras
e reconhecem a raridade
do encontro de almas.
De ti, então, tenho o seguinte
a escrever: é raro encontrarmos
alguém que concorde que a poesia
salva, mas mais raro quem
traz o corpo como prova
de que isso só pode mesmo
ser verdade
e não é coisa
de poetas.
(2019: 54-55)

Mais do que a resistência política claramente anunciada, o poema propõe uma temporalidade trans-histórica, que se inscreve na tradição do amor e da amizade e que se torna presente no encontro dos corpos fazendo com que a palavra “poesia” ultrapasse, como é característico do seu uso, a designação de um gênero literário para indicar a inscrição de um corpo no corpo desejado. A poesia é aqui o argumento de captura do instante, e da transformação deste em eternidade.

“Ainda o apanhamos” designa assim a capacidade de reter um fragmento de sentido no meio deste “medo do futuro” evocado por Luís Quintais, ou das ruínas deste velho mundo que, apesar de apontarmos seus monstros, ainda assim desejamos salvar. Apanhamos, enfim, o que resta de humano: o gesto, o vínculo, a palavra que resiste. O que Eça mostrava como ironia, espero ler agora como possibilidade – a de agir, de habitar o tempo, mesmo quando ele nos ultrapassa. “Ainda o apanhamos” – a frase que encerrava a derrota converte-se, espero, num emblema da persistência poética. Porque é na tentativa – nesse “ainda” que nunca se esgota – que a poesia se escreve e salva.

A salvação do mundo talvez seja isso: notar que o romance *Os Maias* termina realmente com a presença da lua, “sob a primeira claridade do luar que subia”, que, quase sem que ninguém repare, silenciosamente devolve ao mundo o seu movimento. Ou como escreve Pedro Eiras:

Depois o tempo segue o seu curso,
e não permanece, nem regressa; mas
o que neste instante perdeste
está para sempre salvo.
(2022: 15)

Um novo ciclo começa – a discreta insurgência do tempo no próprio instante da sua extinção.

Notas

* Daniel Rodrigues é Professor Adjunto na Universidade Clermont Auvergne, onde leciona literatura e civilização portuguesa, tradução e língua portuguesa. Sua pesquisa se concentra na literatura portuguesa contemporânea, com ênfase na obra do poeta Herberto Helder, tema de sua tese de doutorado, e as interseções entre a prática retratística literária e as representações entre texto e imagem. Sua produção científica inclui a organização de diversas obras coletivas e publicações de capítulos e artigos em periódicos e coletâneas.

¹ George Didi-Huberman evoca (2025: 10), por exemplo, Goya e os seus *Desastres da guerra*, a “besta hedionda” de Bertolt Brecht ou os “monstros psíquicos e culturais” pensados por Aby Warburg

² Cf. Michel Beaujour, *Miroirs d'encre : Rhétorique de l'autoportrait*, Paris, Éditions du Seuil, 1980.

³ Para uma compreensão da poesia como estratégia de resistência, cf. Rosa Maria Martelo, *Devagar, a Poesia* (2024). A autora sugere que é pela corrupção do discurso dominante, pela criação de um estilo, que a poesia inscreve as experiências singulares neste mundo que tenta nos impor um discurso único ou empobrecido.

Bibliografia

- Cruz, Gastão (2017), *Existência*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Derrida, Jacques (1990), *Mémoires d'aveugle. Autoportraits et autres ruines*, Paris, Réunion des Musées Nationaux.
- Didi-Huberman, Georges (2021), *Imaginer Recommencer. Ce qui nous soulève*, 2, Paris, Les Éditions De Minuit.
- (2025), *Les Anges de l'histoire*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- Eiras, Pedro (2022), *Paraíso*, Porto, Assírio & Alvim.
- Gil, José (2004), *Portugal, Hoje. O medo de existir*, Lisboa, Relógio D'Água.
- Glissant, Édouard (2009), *Philosophie de la relation. Poésie en étendue*, Paris, Gallimard.
- Gusmão, Manuel (2013), *Pequeno Tratado das Figuras*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Helder, Herberto (2014), *Os Passos em Volta*, Porto, Porto Editora [12ª Edição].
- Marques, Ricardo (2019), *Lucidez e outras Sombras*, Lisboa, Não (Edições).
- Martelo, Rosa Maria (2022), *Devagar, a Poesia*, Lisboa, Sistema Solar.
- Meschonnic, Henri (1997), "Le théâtre dans la voix", *La Licorne*, n° 41: Penser la voix, org. Gérard Dessons: 26-42.
- Nancy, Jean-Luc (2006), *Corpus*, Paris, Métailié.
- Pinson, Jean-Claude (1995), *Habiter en poète. Essai sur sa poésie contemporaine*, Seysel, Champ Vallon.
- Queirós, Eça de (2014), *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil / Porto Editora [1a ed.: 1888].
- Quintais, Luís (2016), *A Noite Imóvel*, Lisboa, Assírio & Alvim.